

Perto de completar 30 anos de carreira, compositor porto-alegrense segue adicionando “de tudo e outras milongas mais” ao *mojo* de seu blues



reportagem
cultural

A milonga sincrética de Oly Jr.

Cristiano Bastos, especial para JC

Por aceção, o termo “milonga” define um gênero musical e também de dança cujas autóctones raízes culturais estão fincadas em países da região do Rio da Prata: Argentina, Uruguai e também no Rio Grande do Sul (popularmente, a expressão igualmente é utilizada quando, de forma pejorativa, refere-se a “conversas longas e prolixas” ou a “desculpas esfarrapadas”). No que se refere ao músico porto-alegrense Oly Jr, um dos blueseiros mais atuantes do Sul do Brasil e que está contando 30 anos de trajetória, a milonga o fez um dos responsáveis no Estado pela renovação desta musicalidade, a partir do final dos anos 2000. Foi neste momento histórico que Oly decidiu juntar blues à milonga, dando vida, assim, ao tipo de música que ganhou o sincrético nome de “milonga blues”.

Agora, Oly Jr vê-se às voltas com a preparação em estúdio de *Quando a Milonga Beija o Blues*, o terceiro título da trilogia blues-milongueira iniciada em 2009 com o disco *Milonga Blues* (vencedor naquela ocasião do Prêmio Açorianos de Música nas categorias blues/jazz) e continuada três anos depois em *Milonga em Blue (Notas do Delta)*. O primeiro conteúdo canções autorais, o segundo releituras e o que está por vir, por sua vez, formado novamente por músicas autorais. Dessa vez, porém, em total incursão pelas paragens da música instrumental (vertente pouco explorada pelo guitarrista em quase três décadas de atuação profissional). “Em *Quando a Milonga Beija o Blues* eu testo ainda mais possibilidades de fundir a milonga com blues, enquanto elementos ‘coirmãos’ que entrelaçam-se em suas matrizes africanas e sulistas ocidentais.

Nas canções do álbum eu dialogo com as magias, misticismos, melancolias, contemporaneidades e, sobretudo, com as características e semelhanças musicais entre a milonga e o blues”, define o compositor.

Oly afirma, por outro lado, que a escolha pela milonga no *crossover* resultante em sua “milonga blues” não se dá meramente por critérios de ordem estética. Tem mais a ver, elucida, com uma evocação de heranças culturais pampeanas (parte de sua família paterna tem origem charrua, uruguaia e argentina). Quanto a isso, ele poetiza: “A milonga sempre foi o gênero musical que me fez refletir, lidar com a solidão, lembrar de coisas simples como contemplar o horizonte, a feitura de um mate no amanhecer, o frio, a paisagem rural, mesmo em Porto Alegre, na Zona Sul da cidade, onde me criei. Mas ela também me remete a um

caminhar urbano”.

No olhar do violinista Angelo Primon, com o qual em 2018 formou-se o quarteto *Violas ao Sul* (completado com os instrumentistas Mário Tressoldi e Valdir Verona), Oly Jr é um dos mais singulares artistas gaúchos. Primon reconhece no guitarrista porto-alegrense “um cara atuante e inquieto”. “Oly é o típico músico que traz para a sua arte as características de suas vivências pessoais, articulando na equação dessa arquitetura musical clássicas temáticas blueseiras. Isso inclui toda a mitologia acerca de pactos, mandingas e folclore que fazem parte de tal universo”, explica Primon.

O multi-instrumentista Gaspo Harmônica, guitarrista com o qual fez dois álbuns (*Na Capa da Gaita* e *Onde Está o Meu Dinheiro*), destaca entre os atributos de Oly a autenticidade de suas

criações musicais e também a originalidade com que o guitarrista aventura-se visitando a obra de outros compositores. “Quando o Oly interpreta músicas de outros artistas, é preciso frisar que as interpreta de maneira inteiramente sua. Esse, além do pendor de ambos para a improvisação, foi um dos predicados que nos levaram a uma identificação imediata”, distingue Gaspo.

Quanto ao futuro, os próximos projetos de Oly Jr. estão definidos. E vão além da milonga. Um deles consiste em reunir em um disco as músicas que compôs em homenagem a Porto Alegre, da mesma forma que Lou Reed poetizou em seu disco *New York*. Enquanto isso, segue em construção e desconstrução, entoando: “A música é um ponto de partida. Nunca de chegada”.

Leia mais na página central